

LEVITSKY, Steven, ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Edição: 1ª. Estados Unidos e Inglaterra: Zahar, 2018. 364p.

O QUE AMEAÇA E MANTÉM AS DEMOCRACIAS

LOPES, Afonso Carvalho¹

MENDONÇA, Kamilla Rasmussem²

NUNES, Laila Graziele oliveira³

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt são pesquisadores e experientes cientistas políticos, professores na Universidade de Harvard e doutores em Ciências Políticas pela Universidade da Califórnia. Levitsky mantém interesse investigativo em sistemas políticos autoritários tanto de esquerda quanto de direita. Publicou, além de outros títulos, *Autoritarismo competitivo: regimes híbridos pós Guerra-Fria* (2001) e *Transformando partidos trabalhistas na América Latina* (2003). Ziblatt é autor, entre outras publicações, dos livros *Partidos conservadores e o nascimento da democracia* (2017) e *Estruturando o Estado: a formação da Itália e da Alemanha e o Enigma do Federalismo* (2006) e colabora para o *The New York Times* e *The Vox*.

Para responder à questão sobre o perigo da queda da democracia estadunidense, os professores defendem que a morte das democracias pós-Guerra Fria ocorreu, diferente das ditaduras armadas, nas mãos dos líderes eleitos e é dessa maneira que morrem as democracias. Esses líderes eleitos são caracterizados no livro como *outsiders*, que ganham importância ao conquistar apoio político do sistema já estabelecido. Os autores relatam que democracias morrem por modos diferentes, não por generais e soldados, mas sim, pelos governos eleitos, começando nas urnas, a princípio com um

¹ Acadêmico do curso de Agronomia da Faculdade de Inhumas FacMais (1º Período). fonsocarvalho176@gmail.com

² Acadêmica do curso de Agronomia da Faculdade de Inhumas FacMais (1º Período). kamillarasmussem@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Agronomia da Faculdade de Inhumas FacMais (1º Período). lailagraziele8@gmail.com

discurso demagogo aliado ao cumprimento de leis, mas que se desgasta estratégica e circunstancialmente ao longo do mandato.

Além de levantarem comportamentos característicos desses governos, os pesquisadores também destacam ações para manter os autoritários longe das chapas eleitorais, eliminando extremistas de sua base e reconhecendo partidos pró-democráticos que consigam evitar alianças com os antidemocráticos. Embora descrevem o processo antidemocrático que ameaça os Estados Unidos, os autores tomam por base de análise a eleição de presidentes na Bolívia, no Equador, no Peru e na Venezuela nas últimas décadas, a exemplo de Alberto Fujimori, Hugo Chávez, Evo Morales, Lucio Gutiérrez e Rafael Correa, e Trump nos Estados Unidos.

O livro explica o fato de demagogos estadunidenses não conseguirem a presidência antes do ano de 2016 por meio de um percurso histórico e panorâmico da política norte-americana. A exemplo disso, em 1960 a luta pelos direitos civis polarizou os estadunidenses, a oposição da presença de negros e minorias étnicas assim como a luta por igualdade racial se expressou ao Partido Democrata e ao Partido Republicano. Contudo, a chegada de Trump à presidência não foi o começo, e sim, superior até o momento.

A título de comparação com país americano, o livro cita Alberto Fujimori, por exemplo, não havia planejado ser ditador muito menos um presidente. Tinha esperança de concorrer ao senado na década de 90. Ao perceber que nenhum partido, o indicaria por ser pouco conhecido, resolveu criar um, e se nomeou candidato. Com o intuito de atrair publicidade para sua campanha no Senado, mesmo sem dinheiro, lançou-se na corrida presidencial. Ele chocou o mundo político crescendo rapidamente nas pesquisas, indo para o segundo turno contra Mario Vargas Llosa, terminando em sua vitória. Fujimori teve um começo turbulento por conta da sua falta de experiência e pelo fato de o congresso não aprovar suas leis e tempos depois tornou um governante autoritário.

A ruptura democrática não precisa de plano, muitas das vezes ela resulta de uma sequência de fatos que acontecem no decorrer do mandato. E a questão que permanece é: “é tão fácil destruir as instituições democráticas?” (p. 112). Nem constituições bem-projetadas são capazes de garantir a democracia, pois constituições são incompletas e também regras

constitucionais estão sujeitas a interpretações conflitantes. Democracias têm regras escritas (constituições) e árbitros (os tribunais). Mas essas regras e árbitros funcionam somente em países onde as constituições escritas são fortalecidas pelas suas próprias regras. Essas regras são grades flexíveis que servem de proteção da democracia, fazendo com que a competição política não vire uma luta livre.

Um dos pontos chamativos do livro é o fato de os autores apontarem imunidades que asseguram a preservação da democracia. Levitsky e Zibatt destacam duas formas para um melhor funcionamento de uma democracia: tolerância mútua e reserva institucional. Tolerância Mútua é o fato de acreditar que enquanto os rivais, os presidenciáveis jogam pelas regras institucionais, eles têm o mesmo direito de existir, competir pelo poder e governar. Em outras palavras, é a forma dos políticos concordarem em discordar. A segunda norma para fazer com que a democracia funcione é a reserva institucional, que se trata do ato de evitar ações que, mesmo que respeitando a letra da lei, violam o seu espírito.

Ao contrário de outros analistas, Levitsky e Ziblatt criticam a ideia de que há um recuo generalizado da democracia no mundo todo, dizendo que para cada Hungria, Turquia e Venezuela, ditadoras, há um Sri Lanka ou uma Tunísia que recuperaram suas democracias em tempo. Listam ainda vários outros países, entre os quais o Brasil, onde a democracia até então estaria intacta. E a Europa, na qual as turbulências políticas não teriam afetado decisivamente as regras de convivência entre os principais partidos. Contudo, assinalam que a ascensão de Trump é um fator que pode modificar esse diagnóstico.

Dentro do plano interno dos EUA, os analistas políticos preveem que a hipótese mais provável é o de aprofundamento do desgaste das grades de proteção democráticas. Independentemente do sucesso do presidente e seus asseclas, a crise é tão profunda que seguiriam a divisão entre os partidos, o abandono da tolerância e da reserva mútuas. Assim, salvar a democracia dos EUA significa "... restaurar as normas básicas que a protegiam no passado" (p. 255), já que em essência sempre foram saudáveis. Mas é preciso fazê-las funcionar numa era de igualdade racial e de diversidade étnica sem precedentes.

Os autores concluem se Trump é ou não uma ameaça à democracia norte-americana. Relatando diversos exemplos de países autoritários e do modo como alguns amorteceram a atividade de extrema direita.

Como método de estudo, os autores revisam várias literaturas, tanto teóricas quanto analíticas de contextos históricos, comparando e sistematizando autores e realidades de Estado para tecerem reflexões e conclusões. O quadro de autores referenciados no livro é muito vasto. Destaca-se neste texto um ponto de partida, os estudos de Azis Huq e Tom Ginsburg, em seu livro “How to lose a Constitutional Democracy”, recorrentemente citada e também uma fábula de Esopo que serviu de epígrafe no capítulo em que descrevem os erros de cálculo dos políticos tradicionais ao enganosamente usarem demagogos em suas estratégias.

Trata-se de uma análise sobre o enfraquecimento das democracias ao redor do mundo na atualidade e uma crítica onde são feitas comparações com casos passados, descrevendo os momentos caóticos de traços autoritários da ameaça de um presidente de fora do *establishment*.

Ainda que teça análises sobre a atual realidade política dos Estados Unidos, esse livro é indicado a leitores de qualquer parte do mundo, tanto estudiosos das ciências políticas, historiadores, pesquisadores, quanto para o cidadão comum que almeja um olhar mais crítico sobre a política de seu país. A leitura é recomendada para compreensão do momento atual em que o Brasil vive. O livro é democrático à medida que sua abordagem didática, com linguagem acessível não impede a apreensão de um leitor comum nem limita reflexões de leitores especializados.